

Mãos à obra

Letícia Bertagna

“O tédio é o pássaro que choca os ovos da experiência”

W. Benjamin

Na papelaria, na rua, no travesseiro, no céu.

Uma ficha de ponto. Visitar uma papelaria pode ser uma experiência utópica, ou melhor, a papelaria pode se transformar num lugar utópico, como a sapataria visitada por Edson Souza. Talvez sejam meus olhos. Algo me atrai nos formulários, nas fichas, nos suportes em que o aparelho burocrático se materializa. Talvez não seja nada mais do que o desejo de ativar esses materiais de outro modo, dar-lhes outros sentidos, criar uma dobra naquilo que sufoca, que oprime. Fazer aparecer a total falta de sentido dos mecanismos que obstruem a vida mais cotidiana. Dar uma volta em torno deles, trazendo à tona uma potencialidade obscura, adormecida, amortecida pelo cansaço das repartições, pelo gesto automático e repetitivo, palavras esvaziadas das instituições burocráticas que consomem nosso tempo, nossa energia, nossa vitalidade.

*

Perca tempo. A proposição do Grupo Poro¹ desobstrui alguns orifícios, a circulação do ar é renovada. Poderia ser uma espécie de mantra ocidental

¹ O Poro - Intervenções urbanas e ações efêmeras é uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada. Disponível em: <<http://poro.redezero.org/>>.

para a atualidade, capaz de conduzir a mente e o corpo a outra experiência temporal. Perca tempo é uma ação na qual os artistas abrem uma faixa imperativa em meio ao trânsito. Simultaneamente, são distribuídos panfletos com sugestões de modos para perder tempo, tais como: acompanhar o caminho das formigas, observar como a luz muda ao longo do dia, reler livros etc. Uma nota de esclarecimento na base do panfleto adverte: tempo não é dinheiro.

Penso que é urgente dismantelar a desastrosa associação que reside nessa máxima. Mas antes, acredito, é preciso reconhecer que uma lógica tão sedimentada não é facilmente dissolvida, e que compreender os mecanismos que a autorizam é um caminho para subvertê-la, para provocar os desvios desejados. Nos últimos tempos, tenho me debruçado sobre a questão da experiência do tempo e da sua relação com o trabalho, buscando entender justamente o contrário, o que seria o tempo livre, o ócio, o tédio, e qual é a necessidade das temporalidades dilatadas para a criação artística e existencial.

Já se sabe - sente-se na pele - que a experiência do tempo sofreu mudanças radicais desde a modernidade: o ritmo acelerado dos fatos e o volume intenso de informações, as atividades produtivas ininterruptas, em uma velocidade crescente, associadas à demanda constante por atenção e conexão totais, vem agindo de modo implacável sobre nossas percepções e necessidades mais básicas. A nefasta sentença “tempo é dinheiro” parece ter se interiorizado de um modo quase irreversível, em que o tempo já não se distingue da mercadoria. “Perder tempo”, nesse contexto, é um ato de resistência para sujeitos que podem ter praticamente tudo, menos tempo.

O custo da contínua falta de tempo é alto. Os imperativos de desempenho, competitividade, visibilidade, eficiência enfraquecem aptidões cognitivas e perceptivas que só podem ser exercitadas em uma duração dilatada. O que está em risco é a capacidade de construção da memória coletiva e do conhecimento histórico, como diz Jonathan Crary², visto que o modo de vida pautado pela velocidade não concede a pausa necessária para assimilar os acontecimentos. Em *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*, o teórico norte-americano analisa de que forma a privação do sono foi desenvolvendo técnicas cada vez mais sofisticadas. Se no começo a redução da necessidade do sono estava diretamente relacionada às técnicas militares de guerra, esses procedimentos foram rapidamente absorvidos pelo corpo social como uma forma de responder à necessidade de atividades e conexões contínuas criadas

² Crary, J. *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 54.

pelo capitalismo globalizado. O sono, visto como uma ocupação improdutivo, é cada vez mais dispensável, ou melhor, indesejável.

Assim como “nenhum valor pode ser extraído do sono”³, interessa-me pensar outras ocasiões que resistem a serem transformadas em mercadorias e que conseguem ainda, mesmo que precariamente, opor-se à lógica do consumo e do lucro. Nesse sentido, acredito na arte como um lugar de contraposição, na medida em que o processo artístico, que é sobretudo existencial, necessita inevitavelmente de um tempo estendido para acontecer. O trabalho que se realiza durante um processo criativo se aproxima da tarefa daquele que se propõe a decifrar um enigma. Um mistério sempre incompleto, destinado a multiplicar as perguntas em vez de encontrar uma única solução.

A psicanalista Maria Rita Kehl⁴ observa que, hoje, nossa faculdade imaginativa encontra-se ameaçada, já que o aparelho psíquico vai se debilitando na medida em que é bombardeado por estímulos e raramente fica entregue ao devaneio, deixando-se ser tomado por pensamentos que somente através do ócio podem chegar até nós. Por fim, a carência temporal recai sobre os cuidados que se tem de si mesmo, pois a tarefa de cuidar da própria existência exige um empenho incompatível com as exigências do capital. Estamos muito cansados para tal exercício.

O imperativo “perca tempo”, quando afastado das demandas externas da produção e dos apelos espetaculares do entretenimento, pode sugerir uma reviravolta: o verdadeiro trabalho a ser realizado é, sobretudo, sobre si mesmo. Inventar e reinventar-se constante. Um trabalho silencioso, cotidiano, praticamente invisível, por vezes transitório. Sempre incompleto, sem destino objetivo e sem nenhuma garantia. Penso nas nuvens que vão se formando sobre nossas cabeças sem que as vejamos e, deste modo, vão passando, criando para si novas configurações. Para que essas formas se produzam, há um trabalho incessante e microscópico de uma série de elementos (vapor, vento, pressão atmosférica) que atuam para que as nuvens possam nos oferecer, como num lampejo, o brilho de seu branco passageiro. Quem sabe o que nos aguardaria se conseguíssemos nos aproximar dessa noção de trabalho?

* Letícia Bertagna é artista visual e professora do Instituto de Artes e Design (UFJF-MG). Mestre em Poéticas Visuais pela UFRGS. Realiza uma investigação poética que se cria na relação entre os modos de viver na contemporaneidade e as possibilidades de construção de imagens e narrativas em diferentes meios.

3 Ibidem, p. 54.

4 Kehl, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 161.